

# SESSENTA E CINCO ANOS - COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE

## **Bráulio do Nascimento – Presidente de Honra da Comissão Nacional de Folclore**

Recebi o honroso convite para participar das festividades dos 65 anos da Comissão Mineira, com a Entrega do Relatório “Folclore nas Escolas Estaduais de Minas Gerais”. Constitui para mim uma deferência muito especial, que lamento profundamente não poder atender por motivo de saúde. Recentemente fui submetido a uma cirurgia na coronária, o que me impede de viajar.

Sempre estive muito ligado às atividades da Comissão Mineira, desde o tempo do Professor Aires da Mata, na minha gestão na direção da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. A II Festa do Folclore Brasileiro foi realizada em Belo Horizonte, em agosto de 1976, com inauguração da nova sede da Comissão, após solicitação direta do espaço ao Governador, em visita com Saul Martins. Lembro-me de que levamos para os desfiles folclóricos o grupo de Bacamarteiros de Sergipe e tivemos, à última hora, de transferir a representação para um campo de futebol para não quebrar os vidros do prédio com os tiros dos bacamartes. Várias outras parcerias marcaram os oito anos da gestão.

É, portanto, com alegria que, mesmo à distância, estou participando do aniversário da decana das Comissões Estaduais de Folclore.

Meus parabéns ao Presidente e a toda Equipe que mantém viva e dinamicamente atuante a Comissão Mineira de Folclore.

Com os agradecimentos, atenciosamente,

Bráulio do Nascimento

Presidente de Honra da Comissão Nacional de Folclore.



## CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE – CMFL – 02-2013 – Março- Maio 2013

### **Presidente da Comissão Nacional de Folclore: Maria de Lourdes Macena Filha**

Informo que estarei na solenidade hoje dia 13/3 às 19hs. Como não nos conhecemos pessoalmente (acredito que somente Breguez me conhece) informo que sou pequenininha em todos os sentidos e que estarei usando um vestido verde. Não se preocupe procurarei o Senhor. Abraços, Lourdinha Macena.

### **Magnífico Reitor da UFMG – Professor Doutor Clélio Campolina Diniz**

Determinou à secretária do Gabinete que justificasse por telefone a ausência por motivo de agenda - viagem - e desejou sucesso ao desenvolvimento do projeto.

### **Presidente da Comissão Catarinense de Folclore**

Agradecemos a remessa que nos fez como o Caderno dos 65 anos dessa entidade de valor na história dos estudos folclóricos do Brasil e de material relativo ao **COVERSANDO SOBRE FOLCLORE E EDUCAÇÃO**. Reforçamos a informação do XVI Congresso Brasileiro de Folclore que ocorrerá em Florianópolis, UFSC, entre 15 e 19 de outubro deste ano, compareçam.

— Um solidário e forte abraço da Comissão Catarinense de Folclore.

Professor Nereu do Vale Pereira

# Editorial

A Comissão Mineira de Folclore celebrou no dia 19 de fevereiro sessenta e cinco anos de fundação. Nessa oportunidade, por gentileza da diretora e dos funcionários da Biblioteca Pública Estadual “Luiz de Bessa”, inaugurou-se uma exposição das principais obras criadas pelos sem membro ao longo desse período. Foram exibidos os frutos maduros do passado.

Na data de conclusão dessa exposição entregou-se à Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais o relatório “Conversas Folclore e Educação” no qual se registra o compromisso da Comissão Mineira com a educação e a oportunidade de diálogo oferecida por escolas dispersas em todas as regiões de Minas Gerais.

Duas marcas foram enfatizadas: temos um passado cujos frutos permanecem maduros. Continuamos atentos para o presente e nos propomos a dialogar com os interlocutores principais onde se dão os embates das ideologias, as instituições de educação formal.

Do passado veem-se os frutos carregados de sementes que garantem o futuro. O viver em Minas Gerais, o saber que marca nossas relações uns com os outros e com os que nos visitam ou que pedem nossa acolhida. Do presente, exibem-se os desafios à manutenção, adequação ou substituição dos saberes inerentes às relações saudáveis.

Frutos e sementes do passado e do presente. Frutos são alimento para deglutição e metabolização. Sementes são promessa de novas vidas, de multiplicação da flora, de nova frutificação, nova metabolização, nova semeadura.

Vimos a alegria da colheita manifestada pelo magnífico reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo senhor prefeito Municipal de Belo Horizonte, pela senhora secretária de Estado da Casa Civil e Assuntos Institucionais, pelo senhor presidente de honra da Comissão Nacional de Folclore, pelo SESC-MG, pelo senhor prefeito municipal de São Joaquim de Bicas, pelo magnífico reitor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - Uberaba -, prefeitura municipal de Baldim e São Joaquim de Bicas, a senhora presidente da Comissão Nacional de Folclore, o senhor presidente da Comissão Catarinense de Folclore, presidente da Belotur, senhora Superintendente de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais, senhor presidente do IHG de Nova Lima, senhor presidente da Associação de Filhos e Amigos de Gouveia – AFA-GO -, senhora diretora da Escola Estadual “Aarão Reis”, diretores do grupo Xavantes de Projeção Folclórica da cidade de Betim, diretores da Associação dos ex-moradores de Gustavo da Silveira – Curvelo MG.

Frutos servem ao presente e sementes anunciam o futuro. Sobreviver sessenta e cinco anos em situação de absoluta provisoriedade é um grande feito. Não há que lamentar o passado de ver sementes brotarem entre pedras, mas olhar para o novo solo no qual se semeia.

No dia 19 de fevereiro do ano de 2048, a Comissão Mineira de Folclore festejará seu Centenário. Cem anos. É com este horizonte que temos de orientar nossas ações baseados nas seguintes questões:

Em primeiro lugar, há que desprezar a pergunta “se nessa data, vencidos trinta e cinco anos, haverá vida humana nessa terra desolada na qual a única verdade para as políticas dos governos é o crescimento econômico?” Com fé, acreditamos que a sucessão de crises despertará as elites dirigentes para o clamor dos movimentos populares de que a “sociedade de mercado” é uma floresta de frutos que geram sementes daninhas à vida saudável.

A primeira pergunta, portanto, deve ser: quais os segmentos da sociedade estarão prontos para ouvirem e conversarem sobre as alternativas viáveis a uma vida saudável de todos nós seres humanos? A prontidão para ouvir e conversar é condição básica para chegarmos aos cem anos. É condição primeira. Vejamos algumas diferenças. O primeiro passo para constituição das sociedades modernas acontece no instante em que as atividades econômicas criam em seu interior o trabalho com a sua conseqüente divisão. Trabalho e divisão do trabalho encontram-se no cerne da cadeia genética das sementes daninhas das relações sociais. Indo além de Marx, há que colocar na pauta da conversa, “não há trabalho alienado em oposição a outra forma de trabalho libertador”. Todo trabalho é alienado. Trabalho e escravidão são a mesma coisa. Trabalho surge da dominação. A diferença entre “trabalhador livre” e “trabalhador servil ou escravo” é de adjetivo e não de substantivo. É do trabalho que brota a Economia de Mercado e é da hegemonia da Economia de Mercado que surge a Sociedade de Mercado. As seguidas crises econômicas resultam da hegemonia de mercado que se impõe à sociedade de mercado. Aqui tudo é trabalho, tudo é mercadoria e nada escapa à moeda como medida de valor e equivalente de troca.

Quanto vale em moeda cada palavra pronunciada ou escrita? Quanto vale em moeda um sorriso, um pranto ou um gesto? Eis, em suma, o domínio total da Sociedade de Mercado ou da Sociedade Burocrática de Consumo Dirigido, ou da Era do Consumo em Massa. Num cenário como este plenamente anunciado no presente, a utopia das democracias é substituída pela realidade da Demotecnocracia, em cujo núcleo reina absoluto o setor financeiro. O discurso da diversidade se faz para encobrir a realidade do estado absolutista governado pelo Banco Mundial. Conversar sobre a Economia Popular e o saber dos agentes nesse contexto certamente irá garantir que a Comissão Mineira de Folclore festeje com gala o dia 19 de fevereiro do ano de 2048.

A Comissão Mineira de Folclore terá membros efetivos alinhados na contramão dessa Sociedade de Mercado? Esta é a segunda pergunta. Em 2048, Moacir Costa Ferreira celebrará 120 anos; Domingos Diniz e Antônio Henrique Weitzel completarão 116 anos; Antônio de Paiva Moura, Carlos Felipe Horta, Frei Francisco van der Poel e este redator, estarão na casa dos 107; Kátia Cupertino festejará 86; como mascotes do grupo atual contaremos com Danielle Gomes de Freitas, beirando 80 anos e Daniel de Lima Magalhães que, então, completará 67 anos, Juliana Garcia, 70. Há esperanças. Wallace, um jovem estudioso da Universidade Federal de Viçosa, certamente ingressará na Comissão Mineira e completará 57 anos em 2048, do mesmo modo, Nayara Heidenreich e Gilmara Souza comporão o grupo dos mascotes de hoje. A última pergunta é a mais incômoda de todas. No ano de 2048, as pessoas ainda conversarão umas com as outras, confiarão na aprendizagem informal, ou tudo isto estará plenamente esquecido? Todas as atividades humanas se tornarão profissões regulamentadas, plenamente burocratizadas? Os folcloristas serão também areias nesse universo aptos apenas para montarem museus virtuais muitos dos quais serão desativados diante do custo comparativo de sua manutenção e a baixa consulta pelos internautas? O futuro está aberto! José Moreira de Souza - Presidente

# Mensagem de Congratulações pelos Sessenta e Cinco Anos da Comissão Mineira de Folclore

## Universidade Federal do Triângulo Mineiro

É com satisfação que a Universidade Federal do Triângulo Mineiro parabeniza a Comissão Mineira de Folclore pelos 65 anos de fundação e, na oportunidade, agradece a Vossa Senhoria o convite para participar da Solenidade de Entrega do Relatório “Folclore nas Escolas Estaduais de Minas Gerais”.

Cordialmente, Professora Doutora Ana Lúcia de Assis Simões, Vice-Reitora, no exercício da Reitoria, da UFTM.

## Governo do Estado de Minas Gerais – Secretaria de Estado da Casa Civil e de Relações Institucionais.

Belo Horizonte, 13 de março de 2013.

Venho agradecer o convite Entrega do Relatório “**Folclore nas Escolas Estaduais de Minas Gerais**”

Na oportunidade, parabenizo V. S<sup>a</sup>. E toda a equipe dessa Comissão pelo importante trabalho que, além de resgatar e preservar nossa cultura popular, vem divulgando nas Escolas Estaduais as diversas manifestações folclóricas e culturais de Minas.

Com votos de contínuo sucesso,  
Maria Coeli Simões Pires.

## Secretaria Municipal de Educação e Cultura - São Joaquim de Bicas

Boa tarde

Antonio de Paiva e Domingos Diniz

Gostaria de informar, que recebemos o convite para o Conversando sobre Educação e folclore, no dia 23-03-2013 de qualquer maneira agradecemos pelo convite.

**At. José Pio Benedito Cerqueira**  
**Secretário Adjunto de Educação e Cultura**  
São Joaquim de Bicas - MG

## AFAGO – Diretor Jurídico

Manuel Luiz Ferreira de Miranda – solicitou justificar ausência e apresentou votos de sucesso

## Prefeitura Municipal de Belo Horizonte Gabinete do Prefeito

Com satisfação, recebi o convite para participar da entrega do Relatório “Folclore nas Escolas Estaduais de Minas Gerais”. Impossibilitado de comparecer, agradeço a gentileza, parabenizando essa Comissão pela iniciativa dessa publicação. Nesta oportunidade, envio os meus cumprimentos e felicitações pelos 65 anos de fundação da Entidade e pela trajetória de trabalho dedicado à pesquisa, à preservação e à divulgação das manifestações culturais populares de nosso Estado.

Com meu abraço cordial,

Márcio A. Lacerda, Prefeito. 13 de março de 2013.

## Prefeito Municipal de Baldim

Recebemos com muito prazer o convite “Conversando sobre Educação e Folclore”, acontecido em 13/03/2013, porém, apenas neste momento em que respondo, recebi a correspondência. Fiquei pesaroso, pois somos um município rico em atividades folclóricas e esperamos poder estar dando apoio ao desenvolvimento das atividades e aos nossos grupos. Grande número de educandos fazem parte ou vêm de famílias que experienciam e vivenciam as atividades folclóricas. Esperamos que na próxima oportunidade possamos novamente sermos convidados.

Atenciosamente,

João Antonio da Trindade  
Prefeito Municipal



# Sessenta e Cinco Anos da Comissão Mineira de Folclore

## Pessoas e representantes - 13 de março

### Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais

Soraya Hissa – Superintendente de Modalidades  
Temáticas Especiais



### Secretaria Municipal de Educação e Conselho Municipal de Educação de Belo Horizonte

Stelita Alves



### Belotur

Mauro Werkema – presidente  
Iremar e Regina Vieira – assessores



### SESC Minas

Jorge

Cabaera – Gerente de  
Cultura do SESC



### AFAGO - Associação dos Filhos e Amigos de Gouveia

Prof. Dr. Raimundo Nonato de Miranda Chaves -  
presidente



### Nova Lima – IHGAry

Alcebíades Campbell Filho



### Escola Estadual Aarão Reis

Adélia Anis Raies de Souza – Diretora



### Biblioteca Pública de Minas Gerais – Luiz de Bessa

Alessandra Soraya Cirino Lima – Superintendente de  
Bibliotecas Públicas

Maria Helena Ferreira Evarista – Assessora

# Sessenta e Cinco Anos da Comissão Mineira de Folclore

19 de fevereiro - Assembleia da CMFL

**Associação dos ex-moradores de Gustavo da  
Silveira – Curvelo MG**

Maria Helena Martins Ribeiro e Sérgio Ribeiro –  
Fundadores



**Grupo Xavantes de Projeção Folclórica – Betim**

Douglas Kuffner e Tatiane

Correia - diretores

Dois fundadores - arte de Maria de Lourdes Costa Dias  
Reis



Daniel de Lima Magalhães - toma posse como membro  
efetivo da CMFL



Acima, alguns membros  
presentes

Ao lado: os artista Téo  
Azevedo e Sérgio Mourão

# Exposição das obras dos membros da Comissão Mineira de Folclore



# Notícias & Comentários

## XVI Congresso Braileiro de Folclore

Ocorrerá em Florianópolis, no campus da UFSC, no período de 14 a 18 de outubro o **16º. Congresso Brasileiro de Folclore**, promovido pela Comissão Nacional e realizado pela Comissão Catarinense de Folclore, com o tema: **Comunidades Tradicionais Populares – Folclore e Sustentabilidade**.

Criada em 1948, com o título de subcomissão Catarinense de Folclore, sendo esta filiada a Comissão Nacional, à época pertencente ao IBECC – Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (órgão Nacional da UNESCO); a **Comissão Catarinense de Folclore**, sempre esteve a frente dos principais movimentos relacionado à cultura tradicional popular no Estado de Santa Catarina, tentando estabelecer um momento plural de estudo compartilhado, atuando na busca de políticas públicas reais para o registro, estudo, manutenção, incentivo, dinamização da cultura tradicional popular do povo catarinense.

A realização do 16º. **CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE** favorecerá o reconhecimento de várias faces do povo Catarinense, como também possibilitará o conhecimento de pesquisas folclóricas oriundas das mais diferentes tendências, o estudo contemporâneo e a dinâmica das atividades do universo folclórico que vêm se desenvolvendo em nossa sociedade em constante transformação. Desde 1951, quando ocorreu o primeiro congresso brasileiro, como bem destaca a Comissão Nacional, cada edição do Congresso Brasileiro de Folclore acrescenta e complementa esse legado, proporcionando a abertura do campo de debates e discussões acerca do estudo do folclore e o aprofundamento na análise de conceitos e na metodologia de pesquisa em cultura popular, buscando unir os diversos meios e formas de estudo e divulgação dos saberes e fazeres do povo do nosso país.

Venho por meio desta convidar os prezados sócios a participarem do mencionado congresso **colaborando com a ação dos companheiros de Santa Catarina** divulgando o evento nas universidades e grupos interessados do seu Estado bem como garantindo sua participação nas atividades.

**Comissão Nacional de Folclore** – Profa. Lourdes Macena

**Comissão Catarinense de Folclore** – Prof. Nereu do Vale Pereira

## Mestra Homenageada pela UFMG

### Carta de Lira Marques

Araçuaí, 12 de abril de 2013-04-17

Paz e Bem!

Aqui estou trabalhando bastante. Vou participar daquela feira de artesanato que acontece na UFMG.

Eu e Seu Antônio artesão de Minas Novas, ele faz caixa e tambor, vamos ser homenageados. Recebemos o Título de Mestre. Senti valorizada. Além da homenagem vou participar de atividades a serem realizadas na Escola de Belas Artes da UFMG nos dias 6, 7 e 8 de maio. A feira começa mesmo, no dia 6 a 11 de maio. E a cerimônia de homenagem será no dia 9 de maio às 17 horas, na praça de Serviços, no Campus da Pampulha.

Estarão presentes nessa feira, Associação Cinta Vermelha, Associação dos Índios Aranãs e Cooperativa Dedo de Gente.

Vai lá nos prestigiar. **Faça o convite para os amigos da Comissão Mineira.**

Os Trovadores do Vale foram convidados para cantar, para abrilhantar o evento. Mas ainda não está certo, viajar no princípio de semana não é fácil para eles. Vamos ver como fica.

Lembrança aos amigos da Comissão Mineira.

Maria Lira Marques



# Notícias & Comentários

**MARKU RIBAS- 6 de abril** - A morte de Marku Ribas deixa um grande vazio na música mineira. Ele foi um daqueles personagens que realizaram obras marcantes e nem sempre são reconhecidos com a justiça que merecem. Marku, pouca gente sabe disso, foi um dos primeiros brasileiros a unir a música brasileira de raiz com ritmos caribenhos e africanos e seu elepê “Underground” de 1973 - quarenta anos atrás- pode ser considerado um marco neste sentido. Era um trabalho que ele continuou em outro clássico e raro elepê em que intepretava, entre outras músicas “Zi Zambê, Coisas de Minas, Meu Samba Regué, La Pli Tombé, Kazumbanda”. Marku era também um homem show. Sozinho, no palco, ele fazia do seu próprio corpo o espetáculo, arrancando sons fantásticos, marcando ritmos, criando dissonâncias que se harmonizavam com uma voz forte, característica, negroide, barranqueira- são franciscano que era de Pirapora. Tinha a coragem de ousar e sua interpretação de “Colcha de Retalhos” é bem um sinal do que fazia. Profundamente ligado às coisas populares, fez parte de quase todos os movimentos em que folclore e raízes culturais autênticas estavam juntas. Seu elepê “Autóctone” é outro clássico que precisa, inclusive, ser descoberto pelas novas gerações que não tiveram acesso a ele. Tive a honra de apresentar Marku em muitas oportunidades, incluindo uma histórica reunião de cantores ligados ao folclore, registrada em foto pelo folclorista Luiz Fernando Tropa. Participante da Suprema e Soberana Ordem do Porão, Marku deixa uma sucessora em seu trabalho, a própria filha. Com a sua morte é importante que mais pessoas pelo menos redescubram o que ele fez, um legado que não pode ser esquecido. Particularmente, nossos sentimentos à família Ribas e Diniz. Carlos Felipe

**Encontro da Diretoria da Comissão Mineira de Folclore com a Diretoria da AFAGO com a presença de senhora presidente da Comissão Nacional de Folclore - dia 6 de abril.**



[Carlos Felipe Horta](#)

27 fevereiro

**CONDE BELAMORTE-** Em sua crônica de hoje, no ESTADO DE MINAS, o poeta, compositor e boa gente Fernando Brant prestou sugestiva homenagem a um personagem conhecido e célebre na Belo Horizonte nos anos 50 e 60: Joviano Martins Soares Filho, que morreu, na última sexta-feira, aos 83 anos, em Vila Kennedy, no Rio de Janeiro. Falando de Joviano ninguém vai se lembrar, nem mesmo os que conviveram com ele. Há que se falar em Conde Belamorte, assim chamado porque se vestia de preto, como se fosse um Drácula, com capa negra e tudo, dormia dentro de um caixão de defunto e, de vez em quando, ia para o Cemitério do Bonfim para passar a noite. Alfaiate de profissão, era também poeta, convidado muitas vezes para declamar seus poemas em eventos e festas. Objeto de muitas reportagens em BH, ocupou páginas também na revista “O Cruzeiro”, no tempo a maior do Brasil. Tinha ao seu lado uma mulher, também vestida de negro como ele, a Condessa Belamorte. Passado um tempo, ele sumiu. Soube-se que tinha ido para Vitória, no Espírito Santo, mas há dois anos atrás, foi encontrado por um jornalista morado humildemente, no Rio de Janeiro. No passado, em programa na TV Globo falamos sobre ele dentro de uma série de reportagens sobre lendas urbanas. Sabe-se agora que ele morreu enquanto dormia em seu caixão - como antigamente- em Vila Kennedy. Foi ótimo o Fernando Brant dar a informação, apenas trocando o seu nome para Conde Boa Morte. Era Conde Belamorte e com ele morre um pouco da poesia daquele tempo de Belo Horizonte. E uma figura lendária.

[José Moreira de Souza](#) [Carlos Felipe Horta](#), o Conde Bela Morte animou a vida de Belo Horizonte, nos anos 50 e 60. Ele merece recordação no rol do tipos populares eruditos da cidade, ao lado de Geraldo Boi, Lambreta e outros. Tenho um livro de poemas dele cujo título, se não me engano, é “Dança dos Espectros”. Parece que ele foi se tornando Bela Morte lentamente. Ao mesmo tempo que admirado como tipo popular, afastado dos admiradores acadêmicos. Como “vingança” ele reproduziu elogios de leitores consagrados às obras poéticas anteriores, entre eles figura Saul Alves Martins. Geraldo Boi, que inspirou Fernando Sabino, frequentava quizenalmente o Conselho de Extensão para prestar homenagem ao professor Rubens Costa Romanelli. A homenagem era sempre correspondida com uma contribuição para seu - dele Geraldo - sustento. Geraldo declarou, certa vez, ter em seus guardados cinco romances com o mesmo enredo. O Conde foi mais feliz, publicou a própria obra. É muito interessante conviver com pessoas com essa constituição. Conheci um “pobre vagabundo” que circulava na Cidade Industrial pelos bares e se dirigia às pessoas com esta elegância: “Diz Arquimedes: dê-me um ponto de apoio e eu levantarei o mundo”. Posso me aproximar? Posso me sentar à sua mesa? Diga logo. Se eu estiver incomodando, pode dizer que eu me retiro. Agora, se



# Notícias & Comentários

quiser oferecer-me um copo de cerveja, pode dizer; que eu aceito.” Pessoas desse tipo são impagáveis, elas do fundo de seu sofrimento, embelezam a cidade, fazem a alegria circular. Viva o Conde da Bela Morte para sempre!

## Três comentários adicionais à mensagem de Carlos Felipe sobre a Morte do Conde Bela Morte.

1. Afonso Ávila, após publicar na Revista do Barroco o ensaio sobre “A encenação barroca da morte”(Barroco 3, 1971), declarou-me estar à procura de orações fúnebres com o objetivo de desvendar a marca da mentalidade barroca na formação do mineiro. Ao ler o artigo de Carlos Felipe, penso que ele – o Afonso - perdeu a oportunidade de analisar o percurso do Conde Bela Morte, tão próximo de todos nós. O Conde sintetiza esse imaginário do amor à morte. A familiaridade com a caveira, o saber “beijar o fundo de seus olhinhos”, contemplar a imortalidade preservada nos despojos, viver eternamente tendo a eça como altar vêm do fundo da mentalidade barroca, da “encenação barroca da morte”. Será que o Conde leu Heródoto que disse a Creso que apenas a morte gloriosa torna o homem feliz?

2. O Conde encarna as últimas nênias num momento em que a morte se banaliza, torna-se clandestina, distante dos vivos, escondida nos quartos dos hospitais. Os carros funerários tornam-se veículos comuns, imperceptíveis nos cortejos; o trânsito já não lhes dá preferência, o comércio não baixa as portas à passagem, ninguém usa mais chapéus para os retirar em homenagem aos que se forma, não se diz, mesmo para os desconhecidos “vai com Deus”, as casas não abrigam mais os velórios, os cemitérios não admitem mausoléus; a morte iguala os desiguais na vida. Ainda nos anos sessenta visitei o consultório de um dentista em cuja mesa se expunha uma caveira original para espanto dos pacientes que abriam a boca aos cuidados odontológicos do tiradentes.

3. O Conde aponta também para a carnavalescação da vida. Em Gouveia, a chefe da enfermagem do hospital era, também, proprietária da empresa funerária. Vou chamá-la de funerária “Boa Morte”. Pois bem, essa empresária da morte, animou um cortejo fúnebre nos dias de carnaval. Aboletou-se no caixão [hoje é urna], saiu carregada pelas ruas, acompanhada de foliões lamentosos. O cortejo parava em cada esquina e a morta ressuscitava para espanto dos que acorriam à porta.

Em memória do Conde Bela Morte, reclamo os direitos autorais para um enredo de Escola de Samba: “Viva a Morte”.

## Afonso Furtado - CASA SANTOS REIS -CSR

Em fase de construção o Portal “REISADOS BRASILEIROS” <[www.reisadosbrasileiros.com.br](http://www.reisadosbrasileiros.com.br)>. Desenvolvido em conexão com agentes representativos dos cerca de 70 tipos de GRUPOS DE REISADOS existentes em território nacional, e lastreado por um ACERVO DE FONTES E REFERÊNCIAS constituído de 2500 documentos impressos e 500 Audiovisuais/Multimídias, constante em nosso livro “REIS MAGOS .História-Arte - Tradições”

Saudações. Affonso Furtado

## Notícias Alviçareiras

✓ No dia 5 de março de 2012, a Comissão Mineira de Folclore contava com o apoio fundamental da Associação dos Filhos e Amigos de Gouveia – AFAGO – a qual possibilitou sua recuperação como pessoa jurídica, uma sala sempre disponível para reuniões, assessoria jurídica e contábil e manutenção competente de suas atividades pelo endereço <http://www.afagouveia.org.br/ComissaoMineiraFolclore.htm>. Os diretores da AFAGO sem pedir qualquer retono prosseguem impávidos acompanhando, apoiando e aplaudindo cada um dos passos do árduo caminho a percorrer. Manuel Luiz Ferreira de Miranda colocou sua firma de Contabilidade e Assessoria Jurídica à disposição da Comissão e realiza todos os registros contábeis sem ônus para os combalidos recursos da Comissão Mineira de Folclore.

✓ Nessa mesma data, a senhora secretária de Cultura do Governo de Minas Gerais prometeu solenemente apoio, dentro das restrições compreensíveis às nossas atividades. Infelizmente, parece que as restrições foram maiores do que o apoio possível.

✓ Em seguida, o CPCD – Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento – criado e dirigido por nosso companheiro, Tião Rocha, colocou disponível essa instituição para divulgar nossas atividades o que tem sido feito sem qualquer exigência de contrapartida.

✓ Pouco depois, foi a vez de uma empresa de publicidade de Itabira se oferecer para contribuir na diagramação de peças publicitárias e orientação visual. Esse nome merece ser guardado. Trata-se da CPA Propaganda

✓ Nesse percurso, os professores Kátia Cupertino e Ricardo Figueiredo se dispuseram a vincular algumas de nossas atividades no calendário da Universidade Federal de Minas. Gerais. Nesse conceituado estabelecimento foram oferecidos cursos de extensão e colóquios.

# Notícias & Comentários

✓ Do mesmo modo, sem exigências burocráticas e com total competência o SESC – MG se dispôs a financiar as atividades da Semana Mineira de Folclore de 2012. Nessa mesma oportunidade somou-se o empenho da Associação de ex-moradores da Comunidade de Gustavo da Silveira – Curvelo.

✓ Mais uma vez, a Amorita de Itabira financiou a participação de nossa companheira Lúcia Tânia Augusto e um congresso realizado na cidade de São Paulo.

✓ Ao longo deste ano de 2013, vale ressaltar a acolhida dada à Comissão Mineira pela Superintendência de Bibliotecas Públicas que nos disponibilizou o espaço para Exposição das obras dos folcloristas durante o mês de fevereiro e março e três novas contribuições que merecem destaque especial.

## **Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, acolhe a Comissão Mineira de Folclore**

O senhor prefeito municipal, Márcio de Araújo Lacerda, determinou à Fundação Municipal de Cultura a acolhida da Comissão Mineira de Folclore, tendo em vista o reconhecimento da importância dessa instituição e sua situação atual. Falta de uma sede para desenvolver suas atividades e ausência de condição de prestação de serviços continuados à população de Minas Gerais.

Imediatamente, a Fundação Municipal de Cultura atendeu à determinação do senhor prefeito e tem promovido reuniões de trabalho semanais para examinar, passo a passo, cada uma das possibilidades de um trabalho bem articulado.

Desde o dia 19 de fevereiro, diferentes segmentos da Administração Municipal participam de nossas atividades. A Secretaria e o Conselho Municipal de Educação, a Belotur e os diversos departamentos da Fundação Municipal de Cultura.

Duas providências foram encaminhadas em caráter de urgência. A primeira de um local provisório para guarda dos arquivos. Para tal foi indicado uma ampla sala que compõe o Centro Cultural Salgado Filho. Nessa sala, há espaço suficiente para dispor o acervo principal da CMFL bem como para reuniões. A segunda tem a ver com o apoio para realização da 47ª Semana Mineira de Folclore.

No momento, estuda-se a inclusão das atividades da Comissão no PPAG – Plano Plurianual de Ações Governamentais. Marco Llobus, assessor especial, é o principal articulador dessas ações da parte da Fundação Municipal de Cultura.

Apresentou-se à prefeitura o mesmo projeto encaminhado no ano anterior à Secretaria de Estado da Cultura para concorrer ao Fundo Estadual de Cultura, o qual foi rejeitado sem se dar nenhuma resposta, nem mesmo pela recusa do referido órgão.

Vale destacar que a iniciativa do senhor prefeito não resultou de nenhum pedido da Comissão, veio espontaneamente pelo reconhecimento da importância dessa instituição e da contribuição que pode oferecer à já bem consolidada política cultural do Município. Uma das justificativas apresentadas

afirma que, sendo Belo Horizonte a cidade síntese dos mineiros, nada mais justo do que apoiar a Comissão que, ao longo de sua história, se ocupou de estudar o espírito de Minas.

## **Apoio da Universidade Federal de Minas Gerais**

O professor doutor Clélio Campolina Diniz, magnífico reitor da UFMG tem demonstrado a simpatia dessa instituição de Ensino à Comissão Mineira de Folclore. Isto dá continuidade à parceria de seis décadas e meia. Recentemente, Maria Lira Marques, a grande artista popular de Araçuaí, foi homenageada como Mestre do saber popular durante a grande feira de artesanato do Vale do Jequitinhonha. Lembrou-se que Lira é membro da Comissão Mineira de Folclore e, na homenagem cuidou-se da participação de sua diretoria na composição da mesa. Nessa oportunidade a senhora Pró-Reitora Adjunta de Extensão, Maria das Dores Pimentel Nogueira, procurou espontaneamente os membros da diretoria da Comissão para estudo de parceria entre uma e outra instituição.

## **Capela do Folclorista professor Washington Peluso Albino de Souza no Centro de Celebrações Mineiras**

Fato inédito. A senhora Maria Helena Martins Ribeiro encontra-se com o professor doutor Adriano Perácio de Paula. Entre inúmeras conversas vem à tona uma coleção de esculturas pertencentes ao acervo do professor Washington Albino. Inúmeros museus conceituados manifestaram interesse pelo acervo.

Maria Helena sugere sem pestanejar; “isto deve ir para a Comissão Mineira de Folclore”. Um telefonema confirma a acolhida festiva da mensagem.

História. Maria Helena, moça de Curvelo, como Adriano, foi editora da obra *Gustavo da Silveira – Raízes* a qual foi lançada na 46ª Semana Mineira de Folclore. O doutor Adriano foi aluno do professor Washington Albino na Faculdade de Direito da UFMG. Dois elos de uma grande corrente. No telefonema, Maria Helena ficou aparte dos demais elos. Washington Albino era membro da Comissão Mineira de Folclore. No ano de 1969, a convite do reitor da UFMG, Gerson de Brito Melo Boson, tornou-se diretor do Centro de Estudos Mineiros, então órgão da estrutura suplementar da Reitoria. Nessa oportunidade foi encarregado de criar um espaço para acolhida da Biblioteca Luiz Camilo de Oliveira Pena – irmão de João Camilo de Oliveira Neto, membro fundador da Comissão Mineira de Folclore. O acervo era formado pelas obras mais importantes para estudo do Folclore e de Minas Gerais. Washington Albino inaugurou, então, uma sede do Centro de Estudos Mineiros na cidade de Ouro Preto em casa cedida em comodato pelo professor Pedro Aleixo. – Atualmente, esse acervo foi incorporado à casa do Contos nessa mesma cidade. Mais um elo da corrente. José Moreira

## Notícias & Comentários

de Souza, do outro lado da linha telefônica informou ter trabalhado com o professor Washington Albino exatamente nessa época e que conhecia mais um novo elo. Em 1977, Washington Albino foi um dos principais palestrantes do IV Seminário de Estudos Mineiros, promovidos pela UFMG na oportunidade de comemoração do cinquentenário dessa Universidade. O tema abordado “As lições das Vilas e das Cidades de Minas Gerais” produziu no autor uma ideia fixa sintetizada na pergunta: em que momento de nossa história brota uma identidade que se possa chamar de “Mineira”. Na cabeça do professor, a questão era da “cidade em si ao modelo mineiro de ser cidade”, ou da cidade em si para a cidade para si. Washington Albino ao longo desse quebra-cabeça concluiu que este momento se mostra pleno na pessoa do Aleijadinho.

Chega-se então ao penúltimo elo da corrente. O professor, encantado com a descoberta, dirigiu-se à fazenda em sua terra natal – Ubá – coincidentemente, berço de Ari Barroso, derruba árvores, prepara peças e encomenda a um artífice a reprodução na mesma escala dos profetas do Aleijadinho e de um Jesus flagelado.

A aceitação da oferta do acervo pertencente à senhora Anésia Gonzaga, viúva do professor completa a corrente. Washington Albino folclorista encontra o lugar certo para a sua maior mensagem. Deve haver um lugar para celebrar o Espírito de Minas. Há que se criar um Centro de Celebração de Minas. As esculturas dos profetas não serão jamais peças para contemplação admirada ou fria de curiosos turistas em espaços artificiais de museu. Elas estarão postas para veneração na Capela Washington Albino no Centro de Celebrações Mineiras da Comissão Mineira de Folclore.

Juntam-se a missão da Universidade de Minas Gerais pregada em 1927 pelo professor Mendes Pimentel com primeiro reitor, ao apoio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – cidade síntese de Minas – e da Comissão Mineira de Folclore – movimento surgido em 1948 para lembrar sempre a todos os governos que o povo existe e há um saber popular que merece ser ouvido. A Comissão quer também que esse saber seja celebrado.

### Programa Editorial da Comissão Mineira de Folclore – 2013

Águeda Kallas resumiu em imagem feliz a ação dos membros da Comissão Mineira de Folclore:

“Se cada um varrer a sua porta, a rua ficará sempre limpa”.

No presente ano, os membros da CMFL desenvolveram ou estão desenvolvendo as seguintes atividades.

- **Dicionário da Religiosidade Popular** – tantas vezes anunciado, finalmente deixa as oficinas das gráficas no próximo dia 27 de maio. A partir dessa data, nosso companheiro frei Francisco van der Poel percorrerá o Brasil em inúmeras cerimônias de lançamento. O primeiro deles está previsto para acontecer na Biblioteca Pública de Minas Gerais. Na Semana Mineira de Folclore, haverá também um momento solene para

apresentação e conversa sobre o conteúdo dessa obra de 1100 páginas abrangendo 8500 verbetes

- **Com Deus me deito, com Deus me levanto** - é outra obra aguardada em edição totalmente revista de frei Francisco van der Poel. O autor acredita que a Editora Paulus a colocará no circuito de livrarias ainda neste ano.
- **Diamantina: passado e presente** - é mais uma obra do professor Antônio de Paiva Moura com lançamento previsto para a 47ª Semana Mineira de Folclore. A obra é composta de dois ensaios. O primeiro contém comentários bibliográficos sobre o contratador de diamantes, Felisberto Caldeira Brant, acompanhados de ilustrações de artistas renomados. Há, portanto, dois conjuntos de textos examinados, os dos historiadores e os dos ilustradores. Dois caminhos para interpretar ampliando a conversa com o leitor. O segundo apresenta ao leitor um texto de alta relevância para a compreensão de um intérprete de Diamantina, Aristides Rabelo. Aristides é autor de um dos romances mais importantes sobre como vier em Diamantina: *O Hóspede*. No ensaio de Antônio de Paiva Moura, apresenta-se o jornalista que comenta um dos momentos emblemáticos do viver na cidade tendo como foco o “Congresso das Municipalidades Mineiras”.
- Aguarda-se também ainda neste ano, uma obra de Maria José de Souza – Tita – nossa companheira de Poços de Caldas; *As Lavadeiras de Muque*, obra já apresentada na 46ª Semana Mineira de Folclore, de autoria de Domingos Diniz e *Camilinho, a origem e a escola* também apresentada na mesma semana pelo professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves.
- Amelina Chaves lançou no dia 25 de abril, na cidade de Montes Claros, as obras *O livro proibido* e *Poemas da Solidão*. Parabéns a nossa companheira
- **A teus pés Senhor, 16 anos de fé, trabalho e caminhada de um povo**. Obra coordenada por Miriam Stella Blonsk revela a história de São Gonçalo do Rio Abaixo. Apenas para instigar a leitura, chama a atenção o registro de hinos a São Gonçalo, cantado em Portugal, na cidade da autora e como o terno de congo local canta e dança para São Gonçalo. Esta obra é um primor de contribuição para o estudo da religiosidade popular e contribui para a compreensão da pergunta: Como São Gonçalo é celebrado em Minas nos povoados que o elegeram padroeiro. São Gonçalo do Sapucaí, São Gonçalo da Ibituruna, São Gonçalo da Ponte, São Gonçalo da Vargem – Amarantina -, São Gonçalo das Tabocas – Lassance -, São Gonçalo do Abaeté, São Gonçalo do Bação, São Gonçalo do Brumado, São Gonçalo do Monte, São Gonçalo do Pará, São Gonçalo do Brejo das Almas e muitos outros.
- **Comissão Mineira de Folclore no Facebook**. Acompanhe diariamente as novidades dos folcloristas no Facebook. Nosso companheiro Carlos Felipe Horta, assina frequentemente artigos de alta relevância para a compreensão do saber popular.
- **Revista nº 25 da Comissão Mineira de Folclore** será lançada em agosto com artigos comemorativos dos 65 anos.

# Projetos & Relatórios

## Projeto Comissão Mirim de Folclore

Lúcia Tânia Augusto

### APRESENTAÇÃO

O presente projeto nasce de uma demanda real que trata da continuidade e processo sucessório articulado com os projetos já encampados pela Comissão Mineira de Folclore. Complementando o projeto Educação e Folclore – “Diálogos sobre folclore” propõe criar em cada cidade participante e que demonstre interesse uma Comissão Mineira de Folclore – Mirim. Pela necessidade de envolver alunos da rede pública, privada e do associações culturais oferecer atividades diversificadas que venham de encontro aos ideais de ao desejo de uma formação para a cidadania, ancestralidade e educação. Esta proposta vem em consonância com a realidade dos alunos e da comunidade valorizando o saber e a cultura local.

### JUSTIFICATIVA

A prática do saber popular está em crise. O volume de informações culturais voltadas para a alienação do jovem e da criança com seu entorno, no que diz respeito à história, à valorização como eixo central da cultura para uma educação cidadã.

No relatório apresentado para a Secretaria de Educação de Minas Gerais podemos perceber a necessidade de dois aspectos importantes e urgentes:

- o resgate da escola como aquela que dialoga com o aluno e os seus saberes;

- o papel dos educadores na busca do equilíbrio entre o saber local e o saber global;

Há 65 anos a Comissão Mineira de Folclore alerta para todas as questões voltadas para a pesquisa, valorização e disseminação de metodologias para o compartilhamento dos saberes locais de forma coordenada com os conteúdos e metas da escola moderna.

Em razão disso, acredita que dirigir uma delegação responsável de práticas culturais acessando as crianças e adolescentes pode surtir um efeito importante, já que foi constatado uma abertura de 60 escolas no projeto Educação e Folclore – “Diálogos sobre folclore”.

Observando os padrões de sucessão de grupos populares do Brasil, como das escolas de samba, ousamos na proposta de construirmos esse projeto junto com o objetivo de revitalizar os nossos padrões socioculturais que nos antecedem nas práticas culturais de vários outros países..... (rever).

Portanto com esse projeto a equipe organizadora pretende dar ensejo ao resgate original de um traço da nossa cultura que é dividir a responsabilidade de forma equilibrada com todas as gerações a manutenção de nossos valores populares que resistiram e precisam de ações criativas para atrair a todos. O corpo da CMFL fará parte do conjunto de propostas inserida no projeto.

### OBJETIVO GERAL

Expandir as ações educativas da Comissão Mineira de Folclore através da participação de jovens e crianças na formação da Comissão Mirim em cada município que se propuser a participar;

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS/ AÇÕES/ METODOLOGIA

- Mobilizar todas as escolas participantes do projeto Educação e Folclore – “Diálogos sobre folclore” para um diálogo com a Comissão Mineira de Folclore em cada localidade;
- Apresentar a proposta e esclarecer sobre as possibilidades que o resultado do relatório traz;
- Recolher sugestões que poderão ser aplicadas na formação da Comissão Mirim;
- Identificar professores e alunos interessados em compor e oferecer o Curso de Folclore e Cultura Popular
- Compor lista e recursos necessários a fim de promover o curso na cidade
- Incluir no curso oficinas e práticas culturais do folclore local para as crianças e adolescentes interessados;
- Propor a reapresentação do projeto e criar o desafio para 2014;
- Fazer o acompanhamento do biênio 2013-2014 até a apresentação do projeto final em 2014 na Semana de Folclore em agosto;
- Resgatar o relatório de 2013 e comparar com o de 2014;
- Convocar as Secretarias de Educação para a mobilização de recursos para a participação dos integrantes no período de um ano;
- Propor a metodologia aplicada no livro “A sombra do andarilho” para servir de norte;
- Cumprir passos do projeto proposto no relatório;

À Comissão Mineira de Folclore caberá:

- Apresentar a metodologia de trabalho proposta

- Oferecer, através de seus integrantes, propostas de oficinas com aulas teóricas e práticas das Quadrilha, Capoeira, Dança Popular, Canto Popular e Teatro Popular, Documentário e Produção de texto, Aulas de Culinária. As aulas acontecerão em horários específicos(extraclasse)

# Projetos & Relatórios

## RELATÓRIO: CONGRESSO ONG BRASIL 2012

Entre os dias 06 e 09 de dezembro de 2012 representei a Amorita e a Comissão Mineira de Folclore no Congresso ONG Brasil promovido pela UBM Brazil. O evento contou com a participação de mais de 500 Ongs no Expo Center Norte, em São Paulo, capital e propunha um diálogo entre o setor civil, organizações públicas e interessados em travar contatos e atualizar conhecimento sobre a atuação deste movimento que, atualmente, aumenta a visibilidade do 3º setor no país.

Na divulgação do evento chama atenção o slogan **Participação Social é Método de Governar**

E o seguinte trecho:

*“ (...)tem por objetivo integrar os diferentes setores da sociedade, criando um ambiente de oportunidades, troca de informação e capacitação. Em sua 5ª edição, o evento é internacionalmente reconhecido como a maior e mais completa feira e congresso das organizações sociais, do investimento social privado e da participação em políticas públicas.” site: [ongbrasil.org.br](http://ongbrasil.org.br)*

Os dados oficiais são os seguintes:

O evento foi composto por exposição e congresso internacional, ONG Brasil como um evento sem fins lucrativos:

- Mais de 15.000m<sup>2</sup> de EXPOSIÇÃO: participação de 500 organizações, Associações e Fundações ligadas aos setores público e privado
- Mais de 196 palestras e workshops simultâneos em apenas 3 dias
- Participação de Organizações Não Governamentais (ONGs) Brasileiras ou com atuação no Brasil, Fundações e Institutos ligados ao Governo e à iniciativa privada, Poder público, Empresas e Institutos empresariais, Prestadores de serviço para os setores de *Saúde, Geração de trabalho e renda, Apoio à gestão do Terceiro Setor/ Empreendedorismo social, Combate às drogas, Esportes, Defesa dos direito, Cultura e arte, Meio ambiente, Animais, Educação e Inclusão e Diversidade*
- Promovido pela UBM Brazil, com o objetivo de mobilizar os diferentes setores da sociedade,

criando um ambiente de oportunidades, troca de informação e capacitação.

Participei da capacitação entre os dias 06 e 09 de 09 as 18 horas. O curso gratuito.

A capacitação foi feita por técnicos do governo federal e tratava do **Sistema de Gestão de Convênios, Contratos de Repasse e Termos de Parceria do Governo Federal (Siconv)**. Um sistema eletrônico cujo o objetivo era *abordar a legislação e os procedimentos referentes à seleção, formalização, execução, acompanhamento e prestação de contas dos convênios, contratos de repasse e termos de parceria que são realizados diretamente no Siconv*, ele reúne e registra informações sobre as *parcerias e transferências* de recursos do governo federal para órgãos públicos e entidades privadas sem fins lucrativos.

Outros temas importantes dos quais pude apenas tomar conhecimento foram: *“Participação Social e Conselhos de Juventude”*; *“Brasil Voluntário: um programa de voluntariado público para grandes eventos”*; *“Política e seu Sistema Nacional de Participação Social”*; e *“A Política Nacional de Resíduos Sólidos e a inclusão social e econômica dos catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis”*. Também no estande serão oferecidas as oficinas *“Oscip e UPF”*, *“Cebas – Educação”* e *“Modelagem de um vocabulário comum de participação social”*, debates sobre *“Lei de Acesso à Informação e as entidades privadas sem fins lucrativos”* e *“Rede Juventude Viva”*; palestras sobre *“Agenda de compromissos ODM e os ODS – práticas premiadas na municipalização”*, *“Auditoria participativa: a experiência do controle com participação social na Copa 2014”*; além da apresentação de pesquisas do Ipea sobre *Participação Social e parcerias do Estado com OSCs e uma mostra de vídeos sobre Juventude*.

Houve a presença maciça de servidores de diferentes Ministérios para prestar atendimento às entidades e esclarecer dúvidas sobre o Siconv e a legislação referente às parcerias com o governo (CGU e MPOG); a titulação de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) e de Utilidade Pública Federal, além do Cadastro Nacional de Entidades; e a certificação de filantropia – Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social - no âmbito da Assistência Social, Saúde e Educação.

O curso:

Sobre o **Sistema de Gestão de Convênios, Contratos de Repasse e Termos de Parceria do Governo Federal (Siconv)** Sistema de Gestão de convênios de Repasse

# Projetos & Relatórios

federal pode acessar , com exemplos práticos, como lidar com a ferramenta eletrônica que reúne e processa informações sobre as transferências de recursos do Governo Federal para órgãos públicos e privados sem fins lucrativos.

A tratava de todos os procedimentos referentes à seleção, formalização, execução, acompanhamento e prestação de contas dos contratos e convênios são realizados diretamente no SICONV. **Repassei a apostila para a Renilda no dia 23 de março de 2013.**

Este programa de treinamento ocorre desde 2008 e viabiliza uma melhor gestão dos recursos transferidos aos entes federados e ao Terceiro Setor, com a redução de custos operacionais e rapidez, maior controle e a transparência na utilização dos recursos públicos fazendo parte de uma estratégia de modernização da Gestão Pública.

No caso de interesse em receber esses repasses e, para entendimento e acesso a Amorita terá de tratar de três ações fundamentais SICONV no caso da Amorita:

## **1. Capacitação de ONGs para utilização do Portal de Convênios (SICONV)**

*Com a capacitação realizada no decorrer do projeto, Organizações não Governamentais interessadas em firmar convênios para recebimento de recursos de repasses voluntários da União, tornaram-se multiplicadores em suas localidades e já estão aplicando seus conhecimentos para a correta utilização do sistema. Nesta primeira etapa do projeto, foram privilegiadas sobretudo ONGs dos estados da região Nordeste do País.*

## **2. Integração do Sistema de Gestão de Convênios e Contratos de Repasse (SICONV) com os bancos oficiais**

*Atualmente, já é possível abrir uma conta de convênio no Banco do Brasil e na Caixa Econômica Federal, por meio do SICONV, mas a sua etapa de integração com os bancos oficiais para a movimentação das contas correntes dos convênios, de forma online, encontra-se atualmente em fase de testes. Após a implantação dessa nova modalidade, será possível também realizar pagamentos diretamente pelo sistema.*

## **3. Intercâmbio sobre o tema de transferências voluntárias para o aprimoramento do Portal de convênios (SICONV)**

*A concepção do SICONV prevê sua utilização em nível nacional, com a criação de uma solução automatizada por meio da qual os proponentes podem encaminhar seus projetos e acompanhar desde sua aprovação até a*

*prestação de contas. Esse sistema de transferência de recursos se faz necessário no Brasil onde a maioria dos tributos são arrecadados pela União. O intercâmbio de informações com a Espanha nesse tema foi muito rico, gerando alternativas de melhoria do SICONV em curto, médio e longo prazos. O sistema espanhol guarda algumas similaridades com o SICONV no nível operacional, mas parte de outro modelo de arrecadação.*

**Foi esclarecido também que agora há uma obrigatoriedade** da utilização do SICONV determinada pelo Decreto N° 6.170, de 25 de julho de 2007, com o intuito de desburocratizar os procedimentos e conferir mais transparência aos convênios firmados com recursos voluntários da União. Este decreto estabelece novas regras para transferências de recursos governamentais realizadas por meio de convênios, contratos de repasse ou por termos de parceria, para estados, municípios e instituições privadas. O portal do governo para acessar mais informações é [www.convenios.gov.br](http://www.convenios.gov.br)

Pontos positivos da participação:

- Tomar contato com as normas que regulamentam as transferências voluntárias;
- Conhecer os critérios para seleção, formalização, execução, acompanhamento e prestação de contas das transferências voluntárias
- Identificar como lidar com a Ordem Bancária de Transferência Voluntária (OBTV), o último módulo implantado no Sistema de Gestão de Convênios e Contratos de Repasse ([Siconv](#)).
- Entender o OBTV para quando for necessário fazer o pagamento da despesa do convênio, contrato de repasse ou termo de parceria diretamente na conta corrente do beneficiário de forma virtual
- Como que garantir a transparência e publicidade dos dados que ocorrem desde julho, sendo que todas as transferências voluntárias assinadas ou celebradas pela União devem ser operadas utilizando esse módulo do sistema.
- Demonstrar que o terceiro setor é uma extensão cidadã para o envolvimento da sociedade civil na busca de soluções para problemas sociais;
- Compreender a dinâmica das ações sobre as transferências voluntárias da União para estados, Distrito Federal, municípios e entidades privadas sem fins lucrativos.
- Identificar como o repasse pode acontecer por meio de contratos, termos de parceria e convênios destinados

# Projetos & Relatórios

à execução de programas, projetos e ações de interesse comum.

- Conhecer o **COMPASNET** que desde março de 2012 regula as relações entre as entidades privadas sem fins lucrativos que recebem recursos do governo federal por meio de transferências voluntárias podem utilizar o Sistema Integrado de Administração de Serviços Gerais (Siasg) na aquisição de produtos e contratação de serviços. Antes, somente os órgãos da administração pública podiam utilizar o sistema.

Fonte: [Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão](#)

Pontos a aprimorar do participante:

Como primeira experiência acredito que, da minha parte devo:

- Planejar com antecedência para levantar um orçamento que esteja de acordo com as despesas reais do evento. As minhas despesas foram além do que imaginava e acho justo ter de banca-las pela minha falta de planejamento;

No mais, o curso teve um ambiente acalorado, pois havia um grupo enorme de organizações civis que lidavam com este tipo de parceria e tinham muitas dúvidas específicas e problemas a serem solucionados. O ambiente foi rico, mas demonstrou que será interessante pedir um curso específico para a Amorita a fim de introduzir a entidade de forma correta para a Secretaria de Planejamento. Os maiores problemas se encontram no bom planejamento e na prestação de contas, portanto.

Foi ambiente de troca de informações e serviu como uma forma de aprendizado do que será o terceiro setor daqui a alguns anos no país. Temos muito que fazer, aumentarmos o nível de profissionalização e será necessário o aumento do investimento nos nossos gestores e prestadores de serviço.

Lúcia Tânia Augusto Belo Horizonte, 25 de março de 2013.

# Artigos

## Homenagem

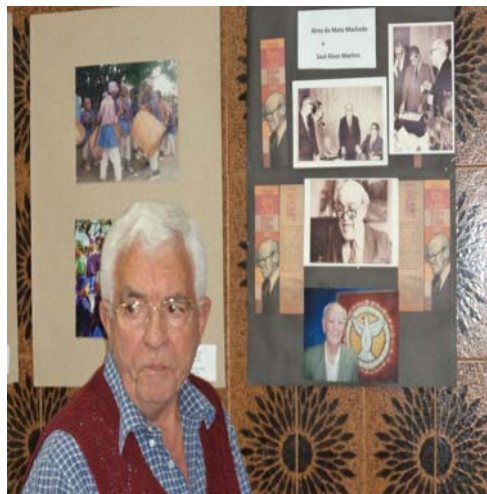
*No dia 20 de maio, o professor doutor **Raimundo Nonato de Miranda Chaves** celebra 80 anos. É obrigação moral da Comissão Mineira de Folclore homenagear esse homem generoso que nos abriu as portas da AFAGO – Associação dos Filhos e Amigos de Gouveia – para apoio irrestrito, em momento em que todas as portas pareciam se fechar. O doutor Raimundo preside competentemente a AFAGO e é professor emérito da Universidade Federal de Viçosa, com mestrado em Matemática e doutorado em Informática. Seu interesse por uma área que então ensaiava os primeiros passos no Brasil – Informática – não lhe fez esquecer o saber popular de suas raízes rurais, desenvolvidas numa escola rural. Aqui se apresentam três artigos desse mestre para inveja de todos os que se dedicam ao estudo do Saber Popular transmitido por relações pessoais.*

## Registrar para não perder



### Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Nestes últimos tempos, tenho acompanhado e tenho aplaudido o professor José Moreira exercendo a nobre função de presidir a Comissão Mineira de Folclore – CMFL. Moreira e sua equipe têm se dedicado, com afinco, a missão de despertar a sociedade para a Cultura Popular. O conhecimento que é passado, oralmente, de uma pessoa para outra está acabando. Não há ouvintes e os falantes ao desaparecerem levam o conhecimento consigo. A modernidade rejeita o antigo como inútil, démodé e cafona. São Francisco, reza a lenda, também, não tinha ouvintes e foi falar aos pássaros e aos peixes. Hoje, tem até papa com seu nome. Nós não podemos, na modernidade, falar aos



# Artigos

pássaros senão, acabaremos em algum hospício falando para pessoas mais loucas do que supõem sermos.

Não temos tribuna para discursar e nem platéia para nos ouvir, mas temos veículos que aceitam e aplaudem nossos causos, isto garante o registro e a disponibilidade do conhecimento até que alguém compreenda a importância e se interesse por ele. A Afago disponibiliza o Boletim Informativo e o site [www.afagouveia.org.br](http://www.afagouveia.org.br). Acredito que a CMFL, também, possa disponibilizar o Boletim Carranca. Então, vamos escrever sobre os Ofícios e sobre seus titulares. Por que não escrever sobre o Alfaiate, sobre o Tropeiro, o Lapidador, o Sapateiro, o Seleiro ...

Quem não teve a emoção de entrar na sala de costura do alfaiate e ver, sobre o manequim, o seu paletó de linho branco brilhante, o famoso S-120, ainda sem mangas e pespontado com linha preta, pronto para a prova. O alfaiate toma aquela peça, com carinho, e veste você, gira em sua volta, admirando a própria obra, marcando aqui e ali, com o giz de costureiro, locais de acertos: sobre o ombro, na cintura, no comprimento. Enquanto isto, você sonha com aquele terno pronto, camisa impecavelmente branca com punhos duplos e aquela abotoadura que você ganhou de seu avô quando terminou o curso científico, gravata de seda grená, sapato preto brilhando, você é capaz de ver-se nele, como no espelho, tal o brilho. Naquele salão repleto de moças, todas nos seus requintados longos, modelo tomara que caia. E a romântica música de Sergio Balona. Ai você acorda do sonho com a ordem: “levanta o queixo”, emitida pelo seu alfaiate.

Eu não vou escrever sobre alfaiate, é apenas uma incursão na zona urbana e estou voltando para minha comunidade rural. Penso escrever sobre Pedro de Neco Custódio exímio trançador de couro; peças produzidas por ele, verdadeiras obras-primas: laços, cabrestos, chicotes de montarias entre outras. Prometo, ainda, na mesma pegada falar de Armino, arreeiro trazido do Serro por João Baiano para dar manutenção na tralha de tropa. Armino fazia e reparava cangalhas como ninguém. Sem esquecer do ofício do fazedor de rédeas, arreadores, barrigueiras, cilhas e outras peças de cabelo cortado da cauda ou da crina de animais.

O Museu de Artes e Ofícios, em BH, na Praça da Estação, tem admirável coleção de objetos e utensílios usados nos diferentes ofícios. Pode-se conhecê-los navegando no site [www.mao.org.br](http://www.mao.org.br), o Museu Virtual. Fotos e definições esclarecedoras de cada objeto estão à disposição, este trabalho está pronto, a coleção, cada dia, se enriquece com o achado de mais peças. Minha proposta é para pessoas, que, conhecem ou conheceram alguém entendido de um ofício, registrar o saber e o fazer deste ofício. Eu conheci os irmãos Manoel e João Saraiva, residentes na margem do córrego da Água Parada. Eles construíram ou reformaram quase tudo nas fazendas de João Baiano, de moinho, engenho de cana, fabrica de farinha, currais, residências... Eles faziam suas próprias ferramentas, eram especialistas no trato da madeira, então, adquiriam o que era de ferro e faziam: plainas, enxós, graminhos, grovêtas, serras... é uma história a ser contada.

## Pedro de Neco Custódio

Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Tenho relatado alguns causos e, em todos eles, procuro salientar as estripulias do personagem principal. Agora, é diferente, não conheço qualquer travessura de Pedro Custódio, o que não garante a inocência dele. Pedro, exímio trançador de couro, dispunha de um conhecimento que será perdido se não cuidarmos do seu registro. Tentarei reconstituir este conhecimento.

No Museu de Artes e Ofícios – MAO, importante centro de Cultura Popular, tem um utensílio, foto e definição na figura.

Isto me recorda a afirmativa do ilustre professor José Moreira



*Corda comprida, confeccionada a partir de tiras de couro trançadas*

em solenidade na sala do tele-centro em Gouveia: “*Cobu da Gouveia não é uma simples broa de fubá. Cobu da Gouveia tem cultura*”. Naturalmente, ele se referia ao fato de o cobu, em Gouveia, ter sido, originalmente, feito por negros escravos da Nação Cobu. Por

analogia, afirmo: A corda confeccionada por Pedro Custódio não é uma simples corda. É um laço que tem beleza, tem arte, é um mimo embalado no orgulho do artesão trançador. Para trançar um laço, usava couro de bovino jovem, couro fino e macio. Pedro afirmava que o couro ideal era de veado mateiro, mas a caça ao veado era muito difícil; coisa de gente rica, dependia de matilha de cães treinados, boas cartucheiras mas, nem todos tinham este privilégio. Caçadores famosos eram os Ribas, de Gouveia – João e Cupertino; os Dumbá, da fazenda Barreiro – João e Antônio. Para trançar couro de veado havia ainda dois outros complicadores: primeiro, o caçador gosta de manter o couro da caça como um troféu; segundo, o caçador atirava com cartucheira, espalhando chumbo e perfurando o couro. Não havia muito como aceitar o conselho: atirar na cabeça para não estragar o couro.

O primeiro passo na confecção do laço é preparar o couro. Apara-se o couro cortando as partes correspondentes às pernas, à cauda e ao pescoço; resta, então, após eliminar as aparas, uma peça arredondada, em seguida, raspada para eliminar os pelos. Usa-se uma raspadeira, simples cunha de madeira, friccionando o couro no sentido contrário ao de crescimento dos pelos. Adiciona-se um punhado de cinzas de fogão a lenha sobre a área que está sendo raspada. Cinza é abrasivo muito fino e não marca o couro. Agora, a parte mais difícil: cortar o couro em tiras com cerca de cinco milímetros de largura. Operação que exige habilidade, paciência e determinação. Posição incomoda: joelho esquerdo apoiado no chão, calcanhar direito apoiado sobre o couro para prendê-lo; a mão direita,



# Artigos

empunhando a faca de sapateiro, passa por baixo da perna e corta a tira, mantida e puxada, firmemente, com a mão esquerda. É imprescindível que se mantenha a largura uniforme da tira de couro, por todo o seu comprimento. Que medida deve ter o comprimento? Pois é! A toada do Cavalo Preto, ícone da música sertaneja, é mais ou menos assim: Tenho o meu cavalo preto/ com nome de ventania/ tenho um cachorro bragado/ para minha companhia/ um laço de doze braças/ do couro de uma novilha. Doze braças é cerca de vinte e seis metros, mas as tiras devem ter comprimento a mais para compensar o fato de serem trançadas, portanto, não estão esticadas.

Cuida-se que, as oito tiras para compor a trança sejam cortadas assim: um passo de cada vez: primeiro passo, corta-se a primeira tira, coisa como trinta centímetros, em seguida a segunda, e todas as outras; repete no segundo passo, garantindo assim que terminem unidas, no mesmo ponto, e com comprimentos quase iguais. O corte do couro exige precisão e segurança, qualquer escorregão, o trabalho está perdido; laço não pode ter emenda; a laçada tem que correr livremente na argola, senão o boi se solta. A rapidez em fazer o laço correr é fundamental quando não se lida com gado manso.

Terminada a parte mais estressante toma-se a ponta do laço, a parte do couro que foi dividida em oito tiras, fixa-a sobre uma estaca e inicia a faze de quebrar as quinas das tiras, só as quinas do lado externo, o lado onde havia pelos. Com a faca afiada faz-se o corte em bisel, muito fino, aproximadamente metade da espessura da tira, dando uma forma abaulada à sua face externa. Em seguida, usando duas peças roliças de madeira, dois toletes polidos, segura-os, apertados, com as duas mãos e faz cada tira passar por entre eles, em todo o comprimento; o par de toletes funciona como duas moendas de engenho. Esta operação é importante para uniformizar a espessura das tiras de couro. Ao terminar esta faze do processo, tem-se, em mãos: uma peça de couro dividida em oito tiras, cada uma com cerca de cinco milímetros e trinta e tantos metros de comprimento, até agora, processadas individualmente. Para juntá-las na trança faz-se necessário algum cuidado para que não se embaracem. Há sempre o risco de se enrolarem tornando a situação mais crítica do que crina de cavalo mordido por morcego. Os morcegos têm o péssimo hábito de sugar o pescoço do cavalo, enquanto fazem cafuné na crina, resultando desta operação um bolo de cabelo que não se desfaz com escovagem nem com raspadeira. Só cortando.

A solução: cada tira é enrolada sobre si mesma formando um novelo, do qual se vai puxando a ponta interna sem desmanchá-lo, assim, a situação fica mais cômoda.

Faz-se, agora, a trança propriamente dita: A ponta da corda continua fixada na estaca. As oito tiras, divididas em dois conjuntos, cada conjunto na palma de uma mão, ali, mantidas ordenadas: primeira, segunda, terceira e quarta. Toma-se a primeira tira da mão direita e a faz passar exatamente no meio das quatro tiras da mão esquerda e voltando para a mão direita, na última posição. Repete a operação com a primeira tira da mão esquerda passando no meio das quatro tiras da mão direita e voltando para a última posição da esquerda. Repete, repete e repete!

Cançado? vá até a cozinha toma café, coma broa de fubá com queijo, dá um beijo na mulher e volta revigorado. Não há café? Cêa você mesmo, coma a broa com queijo e deixa o beijo para depois.

Algumas observações: primeira, o laço trançado, conforme orientação dada, tem a seção transversal quadrada, característica ruim, ele não desliza na argola ou no esteio. Então, corta a nona tira de couro, independente das oito componentes da trança, umedeça e torça esta tira. Depois de seca, use-a como miolo do laço; desenvolvendo a trança no entorno dela, isto é, cada vez que uma tira é passada de uma mão à outra e volta ela envolve o miolo. Antes a trança era desenvolvida em torno do nada. A trança fica redondinha, redondinha. Segunda observação, ao trançar o couro deve-se manter as tiras úmidas, sem encharcar. O couro úmido cede, isto é, espicha e, a trança fica mais firme. Terceira e última, oito é o número usual, mas, pode-se fazer a trança com qualquer número par de tiras, a trança de quatro é grosseira, coisa de principiante; a trança de seis, mais fina, é usada para chicote, também conhecido como taca: a trança de aproximadamente metro e meio encaستoada na madeira, o porrete. A taca é usada para tocar animais. Para porrete, recomenda-se o tronco de arbusto conhecido como três folhas. Dizem que um pequeno furo no pé do porrete e, nele, colocando um dente de cobra, transforma-o em uma arma eficiente, muito boa numa briga: cada paulada na cabeça do adversário é uma queda. Terminada a trança fixa-se, na extremidade dela, uma argola de metal, coisa de cinco, seis centímetros de diâmetro, para formar a laçada. As oito tiras se cruzam por dentro da argola, quatro de cada lado, e voltam no sentido da corda trançada, aproximadamente, dois centímetros e, ai, faz-se a trança tipo esteira. O que caracteriza uma esteira? Fios longitudinais e fios transversais se movimentando por baixo e por cima, que nem corrida de golfinho. Cada uma, das oito tiras, volta dois centímetros no sentido longitudinal, é então, dobrada para se transformar na tira transversal. Cada tira uma vez dobrada passa por cima da tira anterior mantendo-a fixada. Agora, postas as tiras longitudinais e, elas mesmas, dobradas formam as tiras transversais é só ir passando uma sobre a outra. Na esteira, apenas, uma peça se movimenta, aqui, são oito peças. Leve todas, em sequencia, um passo de cada tira. Está pronto o laço que vai, agora, enfeitar os arreios de algum vaqueiro, antes é submetido a um tratamento. Serviço do próprio vaqueiro: ele unta o laço com sebo de bovino retirado da virilha, deixa o laço sob o sol para que o sebo infiltre na trança, limpa-o cuidadosamente, enrola e pendura na sela. Este tratamento confere flexibilidade e resistência à corda. Os laços de Pedro Custódio não são apenas beleza e arte. São peças imprescindíveis nos currais de gado de corte. Instrumentos de uso constante do vaqueiro. Foi assim, numa manhã ensolarada de janeiro, vaqueiros acabam de prender o gado que trouxeram da Fazenda do Cedro, comprado por João Baiano, naquele mesmo dia, ele próprio no comandando dos vaqueiros, elegantemente montado na sua besta dourada. Oitenta bois azebuados com quatro e mais anos, ariscos, mal acostumados com currais, quebradores de cercas e de arames, gado erado difícil de trabalhar. Chiquinho Teles, o compadre Chiquinho dono da fazenda do Cedro, não era o que se podia considerar criador cuidadoso. O gado já devia ter sido embarcado para frigorífico, tinha idade, mas ainda não tinha carne. Estava magro.

João Baiano, orgulhoso de suas coisas, fechou a porteira e, desafiou os bois: Quero ver quebrarem este curral! Realmente, curral de esteios de aroeira com régua de peroba fixadas com

# Artigos

parafusos de rosca soberba, daqueles usados na estrada de ferro para fixar trilho no dormente. Sair dali! Só com asas! Os vaqueiros se lavam na bica de água, atrás da cozinha, almoçam e voltam ao curral para marcar o gado. Esta era a festa. Aí, os laços de Pedro Custódio são utensílios fundamentais. Zico, filho mais velho de João Baiano, hábil laçador, coloca-se à frente dos vaqueiros com seu laço preparado, aquele era o seu laço, ninguém tocava nele. Segura com a esquerda a rodilha do laço, com a direita prepara a laçada, a mão a um palmo da argola e boleia, isto é, faz a laçada rodopiar acima de sua própria cabeça, assim, consegue atirar o laço a uma distância maior; procedimento que segue o mesmo princípio do esportista lançador de disco. Zico mantém o padrão: cada laçada é um boi preso. Faz, com o laço, uma volta em torno do esteio, no centro do curral; dois vaqueiros se aproximam e tocam o boi, e fazem com que ele se aproxime do esteio; um deles faz a peia, com outro laço de Pedro Custódio, o outro segura a cauda e puxam, os três, ao mesmo tempo. O boi cai, sempre, com o lado direito para cima; a marca com ferro em brasa é feita na perna direita. O animal imobilizado, João Baiano se aproxima, caminhar característico, mancando de uma perna. Pois é! Cavalinho caiu sobre a perna direita dele numa passagem de córrego na sua fazenda do Paiol, ali próximo da Onça. Na mão o ferro em brasa, sobe fumaça e o cheiro de cabelo queimado. João Baiano fica, ali, um instante, parado e observando aquela marca, aquele carimbo: 915 e recordando que, no ano 1915, seu patrimônio era apenas um animal, agora são centenas deles. Eu, ainda jovem, para aquela lida, tinha a função de cuidar da fogueira para esquentar o ferro de marcar; permanecia do lado de fora do curral e entregava o ferro em brasa através da cer-

ca. Percebi a emoção do meu velho e falei: — Ai, meu Pai! Mais um 915! Já inteirou mil?? E ele responde:

—Não! Mas, estou chegando lá!

Período de férias de verão, pendurados na cerca do curral a meninada de Camilinho e mais alguns desocupados, daqueles que adoram ver os outros trabalhando. Mais da metade do gado já estava marcado. A atenção do laçador redobrada para não laçar boi carimbado e também para esquivar daqueles que não estavam satisfeitos com a perna ardendo. O laçador procura o boi, observa se tem carimbo, observava se o boi esta sujo de esterco, ou se tem a cauda aparada, que era também um identificador. A meninada, quer ajudar e faz algazarra, gritando todos ao mesmo tempo:

— Zico, veja o amarelo com chifre quebrado! Zico, o raposa com cara de vaca! Zico, o boi da cara branca! o guzerá! O vermelho parecendo boi de carro! João Baiano era o único com poder para acabar com aquela farra, mas ele não faz isto. O grupo era de sobrinhos e de afilhados, além disto, ele estava feliz, tinha feito um bom negocio: aquela boiada erada, grande, tinha caixa, estava magra, mas colocada nos seus pastos da Limeira, ali, pouco abaixo da cachoeira do Parauna, onde o capim jaraguá estava ondulado ao sopro da brisa, com certeza os venderia em Maio com quatro a cinco arrobas a mais. Pedro Custódio era um trançador habilidoso, além de laços, ele fazia excelentes cabrestos com duas peças trançadas, testeira plana, látigo comprido. Fazia, também, sofisticados chicotes de montaria, com cabo de madeira e a trança se desenvolvendo em torno dele, acabamento caprichado, com argolas na extremidade para fixar a tala, larga de couro trançado, de um lado e a pulseira, também trançada, do outro.

## O Peixe e o valente

### Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Cemitério do Peixe, 15 de agosto de 1935, foto histórica, propriedade de Celso Rodrigues Vieira, comerciante em Gouveia e produtor rural na comunidade do Tigre. Celso, sorriso fácil, conversa solta, contador de causos, admirador de Genaro, de quem conhece toda a história, mas, sempre acrescenta, com humildade, que conhecedor de verdade da história de Genaro é Luiz Rodrigues.

Luiz Rodrigues, nós o conhecemos, hoje, próspero fazendeiro estabelecido nas margens do Rio Congonhas, em outros tempos, conceituado caçador de onças lá pelos lados da Serra Talhada. Aprendeu com o avô materno o conhecido Luiz da Serra. Mas, isto foi há muitos anos, quando o poderoso felino ainda não era bichinho de estimação dos ambientalistas.

*A foto:* de paletó e gravata, o elegante delegado de polícia; orgulho e pose que lhe conferem o status de poder maior. De farda militar e chapéu, o indômito sargento Ozório, representante da brava e respeitada corporação dos Caçadores Mineiros. Sargento Ozório era genro de Canequinha – o homem que criou a romaria de São Miguel e Almas –, rico proprietário da fazenda do Vassalo.

Casado com Ritinha? — É pode ser! Mas, em primeiras núpcias. Aos oitenta e três anos Ozório se casou novamente com Eufrasina, neta de Canequinha, moçoila ainda, que, certamente, suave com o calor dos desejos, enquanto o ancião dormia. Biologicamente frustrada, mas, economicamente realizada, no presente e no futuro, com a valiosa pensão que lhe garantia aquele casamento.

À esquerda e à direita, dois Praças, posição de sentido e fuzis à mão, como deve se mostrar o brioso policial. O último militar, de

braços cruzados, pose semelhante ao sargento chefe do grupamento, talvez seja um Cabo.

Finalmente, em trajes civis, ladeado pela guarda de honra, a figura mais importante de nossa história: *Genaro*

Genaro, figura histórica na região, contarei dele, agora, os causos que me foram relatados por Celso e, uma segunda etapa, quando me encontrar com Luiz Rodrigues.

Genaro se encontrava em pequeno barraco na margem do Rio Cipó, noite quase clara do sertão, lua em quarto crescente. Quando o barraco foi cercado por policiais, lídimos representantes da famosa corporação conhecida como Caçadores Mineiros; era mais um encontro com Genaro.

Genaro, homem primitivo, narinas sensíveis, forte característica animal – nariz mais sensível do que os olhos –, percebeu odor entranho. Raciocínio rápido, como um Charles Chan sertanejo, falou para si mesmo:

— eu num peidei aqui, galinha num cagou aqui! Aqui tá fedeno, Ih! Sei lá!

E, elevando a voz, continuou

— Vou encher minha cabacinha d'água e vou dormir.

O comandante dos praças ordenou, quase sussurrando,

— Fiquem quietos! Vamos aguardar até ele dormir.

Genaro caminhou, descansadamente, até o barranco e, com agilidade, saltou para dentro do rio. O praça, atento, percebeu a manobra, correu para junto do rio, levando consigo seus companheiros. Genaro, experiente, sabia que não haveria tempo de fazer a travessia e se movimentou junto ao barranco, protegido pela vegetação e se apoiando nos galhos de ingazeiros que, da margem se projeta-

# Artigos

vam sobre as águas do rio Cipó. Assim, Genaro venceu a correnteza e atingiu o remanso na curva do rio, de onde, mais atento, observava seus perseguidores através dos ramos; a tropa, como é natural, procurava-o na direção rio abaixo, esperavam que a correnteza o arrastasse. Exceto um deles. O mais inteligente? Talvez o mais idiota, observava, caminhando lentamente rio acima. Genaro sentiu que seria descoberto, pouca luminosidade, mas bastante para identifica-lo, se visto de perto. Então, com sagacidade, imaginou um plano para distrair o Praça; Encontrou, ali, um tronco de madeira, possivelmente trazido pela correnteza, talvez um grosso moirão de cerca, ainda com algum pedaço de arame pregado nele. A origem do tronco era o menos importante. Determinado, desgarrou o tronco dos galhos de Ingazeiro e o empurrou para a correnteza. Aquela peça salvadora deslizou na correnteza, logo o praça, enganado, atirou nela, no que foi seguido pelos demais militares. Genaro observava, atentamente, percebeu que um tiro havia atingido a peça de madeira fazendo saltar uma grande lasca, naquele exato momento e, instintivamente, soltou um grito de dor, em seguida o grito de vitória:

— Morre cangaceiro!

E, ouviu, em resposta, a gargalhada do primeiro, seguida dos demais praças. Sua tática havia funcionado. Depois de algum tempo, Genaro, tranquilo, atravessou o Rio Cipó. Molhado, com frio, e, injuriado, imaginando que aqueles que o perseguiam deviam, agora, estar aquecidos no seu barraco, possivelmente, comendo seu queijo com rapadura, talvez tenham encontrado a garrafa de cachaça e a carne seca.

Em Conceição do Mato Dentro, alguns dias depois, o tenente, chefe do destacamento, ouvia o relato da expedição. Uma das perguntas dele:

— Quem gritou: Morre Cangaceiro?

Os militares entreolharam, cada um acreditava que fosse o outro e nunca haviam falado a respeito. Ninguém respondeu. A dúvida se instalou no cérebro do tenente.

Genaro se safou desta e continuou por aí, de Fechados a Capitão Felizardo, às vezes na Mandaçaia, outras vezes no Tombador. Uma falcatrua aqui, uma briga acolá, um pequeno furto no Cipó, outro maior nas Contendas. Genaro vivia cada dia, hoje, decidiu roubar a besta dourada, de nome Duquesa, propriedade de Betinho Rodrigues. Ele roubava animais para fazer catira e os de qualidade eram ganho certo. Betinho residia na margem direita do rio Paraúna, próximo e pouco acima da foz do Córrego Sepultura, na Mandaçaia. Duquesa era a besta de sela e o orgulho dele, não havia outro animal igual nas proximidades. Nem João Baiano, mais rico e mais poderoso, proprietário de outra besta de nome, também, Duquesa e cor pelo de rato, competia com ele. Mula muito alta, cor baia claro, descanelada, marchadeira, andava trocando as orelhas, isto é, movendo as orelhas, alternadamente, para frente e para trás; característica de animal ágil e atento aos ruídos, vindos de todas as direções.

Genaro, experiente, planejou tudo: Noite clara, encontrou a Duquesa, com outros animais, na areia do rio Parauna, aproximou-se com cuidado, levando seu cavalo bem próxima de si, e, com habilidade conseguiu por-lhe o cabresto. A Duquesa era sua. Agora, atravessar o rio Parauna, descer a Serra, atravessar o córrego do Bicho e continuar até as margens do rio Cipó. Calculava chegar lá, ainda, à noite; não deveria ser visto com a besta, conhecida nas redondezas. No Cipó, descansaria durante o dia e à noite rumaria para Santa de Pirapama, onde a venderia por bom preço.

O senhor Betinho, irado e inconformado com o roubo da Duquesa fez lá suas diligências e tudo levava a crer que fora Genaro o autor da trapalhada; então, falava alto e bom som que, encontrando Genaro, daria um tiro nele.

Tempos depois, comunidade de Capitão Felizardo, tradicional celebração de São João, o povo aglomerado em frente à Igreja. Genaro avista Betinho Rodrigues que trazia revolver na cinta, bem baixo, apoiado na coxa direita. Não se atemorizou, sorridente, se encaminha em direção a ele. Cumprimenta-o, alegremente, e diz:

— Senhor Betinho que beleza de revolver. Revolver como este só homem rico como o senhor pode possuir.

Betinho, vaidoso, estimulado por Genaro, saca o revolver, segura-o pelo cano e o oferece a Genaro para examina-lo com calma. Genaro, sempre sorrindo, recebe a arma, abre o tambor, retira as balas e as segura com a mão esquerda, bate, lateralmente, no tambor e o faz girar, examina o cano, comenta sobre as estrias em perfeito estado de conservação, e, fala:

— calibre 38, cano longo, Smith e Wesson, cabo de madrepérola, bem lubrificado e pouco usado. Uma joia senhor Betinho, Enquanto falava, Genaro coloca, novamente, as balas no revolver, o aponta para Betinho e fala:

— Então, senhor Betinho! Você disse que me daria um tiro no nosso primeiro encontro! Será hoje?

Betinho naquela saia justa, sem saber como responder, mas, Genaro não era assassino. Segurou o revolver pelo cano e o ofereceu ao Betinho, nesta altura, mais branco do que menino de apartamento, disse, calmamente:

— Senhor Betinho! Dou-lhe sua vida pela sua mula baia! Estamos quites.

Deu as costas e saiu tranquilamente.

Assim era Genaro, filho de Pedro Satú, mas, no dia 15 de agosto de 1935, lá no Cemitério do Peixe o anjo da guarda cochilou e o sargento Ozório, o genro de Canequinha, botou as mãos nele. Genaro era previdente, ele sabia orações de São Cipriano, trazia consigo amuletos dos Orixás mais poderosos, aprendera mandinga com Pedro Satú. Naquele dia 15 de agosto, no entanto, nada o pode salvar de Ozório. Ele foi preso. Perdeu a liberdade, mas não perdeu a arrogância e falava, para quem quisesse ouvir, que no mês de setembro estaria de volta, precisava plantar sua roça.

Sargento Ozório, seu lugar tenente, os dois praças e mais o delegado gozaram, naquele dia, momentos de glória, haviam aprisionado o facínora; permitiram que todos o vissem, depois, seguiram viagem para a sede do município: Conceição do Mato Dentro. Pernoitaram em um sítio, nas proximidades de Ouro Fino, ali, exigiram do proprietário um quarto sem janelas, para alojar o prisioneiro. Dormiram no paiol de milho, duas camas para os praças e, entre elas, sobre uma enxerga colocada no chão, deitou-se Genaro. Todos, cansados da jornada e seguros de sua força, relaxaram e dormiram profundamente. Genaro estava preparado, ele previra os acontecimentos, e, levantou-se, silencioso como um gato, apanhou os dois fuzis e, já fora do paiol de milho encheu de areia os canos das armas, inutilizando-os completamente. Montou no pelo de um cavalo que pastava por ali, e, ainda, levou o cantil de um dos praças. Não que precisasse de água, farta em toda a região, mas o cantil era o seu troféu. Genaro voltou, tranquilamente para o seu barraco. Ele sabia que a tropa, desarmada, não o procuraria naquele e nos próximos dias, e, se o fizesse seria em outros lugares que não sua casa, pensavam que ele não poderia ser tão ousado.

Para terminar:

Entrou no bico do pinto.

Saiu no bico do pato.

Causos, contei três.

Agora, você conta quatro

(Para ver a foto a que se refere o artigo: [www.afagouveia.org.br](http://www.afagouveia.org.br))



Lira Marques e  
Lourdinha Macena



Profetas e celebração de Minas



Professor Washington  
Peluso Albino de Souza  
17 de junho de 2011

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Carranca aceita artigos, notas, comentários, informes em geral de interesse dos estudiosos de Folclore e da Cultura Popular, desde que encaminhados em meio digital.

Formato em Word, fonte arial ou times new roman, corpo 12, espaço 1,5. Identificação do autor.

As fotos devem ser encaminhadas já escaneadas em formato jpg.

Artigos assinados são de responsabilidade dos autores.



**CARRANCA**

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL  
Número 02-13– Março- Maio 2013.

Diretor Responsável – José Moreira de Souza

Fotos: Adriano Perácio de Pauloa, Dáfnis Raies Moreira de Souza e José Moreira de Souza

Editoração Gráfica: José Moreira de Souza

### Diretoria da CMFL - 2012 - 2014

Presidente: José Moreira de Souza

Vice-presidente: Domingos Diniz

Secretária: Elieth Amélia de Sousa

Tesoureiro: Luiz Fernando Vieira Trópia

#### Conselho Fiscal da CMFL

Águeda Moraes de Carvalhaes e Kallás

Antônio de Paiva Moura

Frei Francisco van der Poel

## IMPRESSO

### Endereço para Correspondência

**Comissão Mineira de Folclore**

Rua Pires da Mota - 202

Bairro Madre Gertrudes

CEP – 30512-760

Belo Horizonte - MG

E-mail: [oficinafolclore@superig.com.br](mailto:oficinafolclore@superig.com.br)

